

Editorial

Da imaterialidade dos simulacros

De l'immatérialité des simulacres

traduction Regina Dantas

Vivemos hoje em um mundo dominado pela comunicação de massa, onde as imagens sem substância se projetam nos mais diversos suportes tecnológicos, reproduzindo-se infinitamente em uma lógica especular. Uma vez divulgada, qualquer coisa facilmente perde seu valor intrínseco ao coabitar nesse universo indiferenciado. Como o valor mediático retira todo seu sustento da novidade, e não de um fundamento cultural ou civilizacional, qualquer objeto jogado neste circuito sofre um processo de obsolescência prematura. O quanto é aparente ou essencial este processo de "envelhecimento" precoce também não chega a se conformar como um problema relevante, afinal um novo objeto virá ocupar seu lugar.

A arquitetura, há muito despida dos valores "nobres" e "verdadeiros" nos quais se abrigou em parte considerável deste século, não está à margem dessa (ir)realidade. A pressa, a ausência crítica, o marketing vazio, o desapego às realidades locais, a desatenção para com as necessidades imediatas: estas são objeções que poderíamos levantar para a publicidade em geral, para a televisão ou mesmo para atuação política, mas não seria sincero eximir a discussão arquitetônica atual dos mesmos males. Não nos sentimos em uma posição propícia para fazer um diagnóstico profundo das origens desse processo, pois em vários aspectos fogem ao escopo de uma revista de arquitetura e urbanismo e seria mais sugestiva uma abordagem sócio-cultural da questão. Não podemos, contudo, nos furtar em delinear o problema, tentar driblar seu poder de sedução, buscar um ponto de vista alternativo onde as coisas possam voltar a ter um sentido, um significado, um objetivo.

Quem tem acompanhado a *Óculum* nos últimos anos deve ter se apercebido o quanto temos tentado nos distanciar dos modismos. Publicar projetos "velhos" – para muitos, ultrapassados –, arquiteturas regionais ou mesmo situações urbanas sem grandes interesses formais nunca nos assustou. Mais do que os objetos arquitetônicos apresentados, sempre nos interessou mais a questão levantada. Mais do que o

Nous vivons aujourd'hui dans un monde dominé par la média dans laquelle les images dépouillées de substance se projettent dans les plus divers supports technologiques en se reproduisant indéfiniment en une logique spéculaire. Aussitôt divulguée, n'importe quoi perd rapidement sa valeur intrinsèque dans la cohabitation de cet univers indifférencié. Etant donné que la valeur médiatique se nourrit exclusivement de la nouveauté et non d'un fondement culturel ou civilisationnel, tout objet jeté dans ce circuit subit un processus obsolète et prématuré. Qu'il soit apparent ou essentiel, ce processus de "vieillesse" précoce ne parvient pas non plus à se présenter comme un problème important puisqu'un nouvel objet viendra prendre sa place.

L'architecture depuis longtemps dépouillée de ses valeurs "nobles" et "véritables" dans lesquelles elle s'est abritée pendant une bonne partie de ce siècle, ne se trouve pas écartée de cette (ir)réalité. La hâte, l'absence critique, le marketing vide, le détachement des réalités locales, le manque d'attention aux nécessités immédiates: voilà des objections qu'on pourrait soulever envers la publicité en général, la télévision ou même le comportement politique: cependant, ce ne serait pas sincère si nous laissons de côté ces mêmes problèmes du débat architectural actuel. Nous ne nous trouvons pas dans une position favorable à l'établissement d'un diagnostic profond des origines de ce processus puisque sous divers aspects, ils échappent aux objectifs d'une revue d'architecture et urbanisme et une approche socio-culturelle de la question serait plus suggestive. Toutefois, nous ne pouvons pas nous permettre de laisser de côté ce problème, ni essayer de fuir à son pouvoir de séduction ou de chercher un point de vue alternatif dans lequel les choses pourraient reprendre un sens, une signification, un objectif.

Tous ceux qui ont suivi *Óculum* pendant ces dernières années ont dû se rendre compte de nos efforts pour écarter les modismes. Publier de "vieux" projets – dépassés selon bien des gens –, des architectures régionales ou même des situations urbaines dépourvues de grands intérêts formels ne nous a jamais effrayés. La question soulevée nous a toujours intéressé bien plus que les objets architectoniques. Plus que la valeur esthétique isolée, ce qui nous a toujours mo-

Abilio Guerra, Denio Munia Benfatti, Paulo Roberto Dizioli

valor estético da arquitetura isolada, sempre nos moveu a compreensão de sua inter-relação com um meio maior, seja na sua ambiência urbana ou territorial, seja nos seus aspectos histórico-culturais mais vastos, seja nas suas implicações na vida cotidiana dos habitantes da cidade.

Supomos que não existe arquitetura sem a cidade, sem os homens, sem a cultura humana, sem as técnicas desenvolvidas e apropriadas. A arquitetura – e, em decorrência, a aglomeração humana – é um fenômeno cultural, é *civitas*. Pensar a arquitetura é necessariamente pensar a cidade, o urbano. Parafraseando André Wogenscky, que diz que “o urbanismo é simplesmente um aspecto particular da arquitetura”, poderíamos dizer que a arquitetura é um aspecto particular, um momento do urbanismo. A arquitetura não pode ser apenas o raciocínio específico sobre o objeto, por mais brilhante que seja seu resultado estético-formal. A arquitetura, ao menos como nós a pensamos, é o prolongamento do pensamento urbano até a esfera mais íntima do indivíduo.

Nesse sentido, não é um contra-senso publicar um número integralmente dedicado a um arquiteto tão conhecido e publicado como Christian de Portzamparc. Para além do design arquitetônico apurado, o que nos interessa na obra de Portzamparc é a maneira sensível como ele tenta interpretar a cidade do nosso tempo, o imenso respeito com que acolhe as lições do passado, buscando na cidade tradicional e na cidade moderna lições positivas para uma melhor compreensão e solução dos imensos problemas urbanos que afligem a cidade contemporânea. Em um momento histórico onde prevalecem visões apocalípticas quanto ao destino das grandes cidades, Christian de Portzamparc retoma com coragem valores para muitos ultrapassados de vivência urbana e boa qualidade de vida para o homem cidadão. Suas propostas de ordenação da cidade tendo como unidade básica a quadra aberta, onde funde as noções de rua tradicional e do espaço aberto modernista, são excelentes lições que poderão contribuir – desde que lidas com calma e atenção – para as discussões em nosso meio que visam buscar soluções mais humanas (e menos propagandísticas) para os problemas urbanos que nos afligem.

tivés, c'est la compréhension de son interrelation avec un milieu plus étendu, soit dans son ambiance urbaine ou territoriale, soit dans ses aspects historiques-culturels plus vastes, soit dans ses implications dans la vie quotidienne des habitants de la ville.

Nous supposons qu'il n'y a pas d'architecture sans la ville, sans les hommes, sans la culture humaine, sans les techniques développées adéquates. L'architecture – et, par conséquent, l'agglomération humaine – est un phénomène culturel, elle est *civitas*. Penser l'architecture est forcément penser la ville, l'urbain. Pour commenter André Wogenscky, selon lequel “l'urbanisme n'est qu'un aspect particulier de l'architecture”, nous pourrions dire que l'architecture est un aspect particulier, un moment de l'urbanisme. Quels que soient des plus brillants ses résultats esthétiques-formels, l'architecture ne peut pas être réduite à un raisonnement spécifique sur l'objet. A notre avis, l'architecture est le prolongement de la pensée urbaine poussée jusqu'à la plus intime sphère de l'individu.

Donc, il ne s'agit pas d'un contre-sens de publier un numéro entièrement dédié à Christian de Portzamparc, un architecte si bien connu et divulgué. Bien plus que le design architectonique bien soigné, ce qui nous intéresse dans l'oeuvre de Portzamparc, c'est sa façon sensible d'interpréter la ville de notre temps, son immense respect envers les leçons du passé, tout en cherchant dans la ville traditionnelle et dans la ville moderne des leçons positives pour mieux comprendre et résoudre les immenses problèmes urbains qui frappent la ville contemporaine. En ce moment historique dominé par des visions apocalyptiques de la destinée des grandes villes, Christian de Portzamparc reprend courageusement, au contraire de ceux qui les considèrent dépassées, des valeurs d'existence urbaine et d'une bonne qualité de vie pour le citoyen. Ses propositions pour ordonner la ville ayant comme unité de base le pâté des maisons ouvert, dans lequel se fondaient les notions de ville traditionnelle et d'espace ouvert moderniste, ce sont d'excellentes leçons qui pourront enrichir – une fois lues attentivement et calmement – les discussions dans notre environnement dont l'objectif serait la recherche des solutions plus humaines (et moins propagandistes) à l'égard des problèmes urbains qui nous affectent.